

# **Transumanismo e filosofia clássica: aprimoramento humano e felicidade no contexto das narrativas do Universo Cinematográfico da Marvel (UCM)**

## **Transhumanism and classical philosophy: human enhancement and happiness in Marvel Cinematic Universe (MCU) narratives**

CRISTHIAN DENARDI DE BRITTO<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho se ocupa do aprimoramento humano, uma hipótese ficcional recorrente no Universo Cinematográfico da Marvel que está na iminência de se tornar realidade. É o que defende o Transumanismo, um movimento filosófico intelectual que busca modificar a vida humana pela biotecnologia visando a erradicar o sofrimento (doenças, deficiências, limitações, incapacidades) e aumentar as capacidades humanas (físicas, mentais, emocionais, morais) e o bem-estar. A questão é se esse aprimoramento artificial reúne mesmo tais condições. Recorrendo à ideia de cuidado de si da Filosofia Antiga, também é possível dominar a si mesmo e alcançar a liberdade, a tranquilidade e a felicidade possível. O desenvolvimento tecnológico esperado deve melhorar a qualidade de vida, mas é duvidoso que possa tornar uma vida genuinamente boa: os exercícios espirituais e as técnicas de cuidado de si podem fornecer um complemento importante. É o que se procura demonstrar, recorrendo a exemplos fictícios extraídos das narrativas do Universo Cinematográfico da Marvel, os quais apontam que o aprimoramento artificial não é condição suficiente para garantir uma vida repleta de fraternidade, êxito e satisfação, nem garante o aprimoramento ético e moral, bem como para a importância do autoconhecimento, da meditação sobre o propósito da vida e dos afetos.

**Palavras-chave:** Filosofia clássica. Cuidado de si. Transumanismo. Aprimoramento humano. Super-heróis.

**Abstract:** This paper regards to the human enhancement, a recurring fictional hypothesis in the Marvel Cinematic Universe that is on the verge of becoming reality. This is what Transhumanism stands for, an intellectual philosophical movement that seeks to modify human life through biotechnology in order to eradicate suffering (diseases, disabilities, limitations, incapacities) and increase human capacities (physical, mental, emotional, moral) and the welfare. The question is whether this artificial enhancement really does meet these conditions. Resorting to the idea of self-care from Ancient Philosophy, it is also possible to master oneself and achieve freedom, tranquility and happiness. The expected technological development should ameliorate the quality of life, but it is doubtful that it can (ensure/assure) a genuinely good life: spiritual exercises and self-care techniques can play an important part. This is what I pursue to demonstrate, using fictitious examples taken from the narratives of the Marvel Cinematic Universe, which point out that artificial enhancement is not a sufficient condition to guarantee a life full of fraternity, success and satisfaction, nor does it guarantee ethical and moral improvement, as well as the importance of self-knowledge, meditation on the purpose of life and affections.

---

<sup>1</sup> Graduado em Direito; especialista em Direito Administrativo e em Direito Processual Civil; mestre em Direito Constitucional junto ao Centro Universitário Autônomo do Brasil, UNIBRASI e doutorando em Filosofia pela UNIOESTE. Atualmente é advogado sócio do escritório Britto & Longhi - Assessoria Jurídica Especializada; professor de pós-graduação em Direito; procurador jurídico do Município de Vitorino/PR. Tem experiência na área de Direito Público, com ênfase em Direito Constitucional e Administrativo. E-mail: cristhianbritto@hotmail.com

**Key-words:** Classical philosophy. Self-care. Transhumanism. Human enhancement. Super-heroes.

## Introdução

Entre 2008 e 2019 a *Marvel Studios – LLC*, revolucionou o mundo do entretenimento com novas adaptações cinematográficas das Histórias em Quadrinhos. Ao longo dos onze primeiros anos, foram desenvolvidos vários filmes cujas narrativas individuais se integravam numa trama mais complexa e abrangente (um “*crossover*”) que reunia os vários super-heróis — além de séries e curta metragens. O grande projeto teve início com o *Homem de Ferro* (2008) e concluiu uma primeira grande fase com *Vingadores: Ultimato* (2019) — que veio a consolidar-se como um dos maiores sucessos de bilheteria (“*blockbuster*”) de todos os tempos — e com *Homem-Aranha: Longe de Casa* (2019). Novos filmes e séries vêm dando continuidade ao projeto.

O Universo Cinematográfico da Marvel (*Marvel Cinematic Universe*) se encontra povoado de invenções tecnológicas, personagens extraordinários e “argumentos” ficcionais.<sup>2</sup> Entre as tecnologias, as histórias mostram inteligência artificial (os programas Jarvis, Sexta-feira e Edith de Tony Stark), nanotecnologia (a armadura de Tony Stark, o traje do Pantera Negra, o capacete de Peter Quill), interconexão não só global, mas mesmo universal e tecnologia espacial de ponta que permite a colonização do espaço (*Thor*, 2011, 2013, 2017; *Guardiões da Galáxia*, 2014, 2017; *Capitã Marvel*, 2019). Entre os personagens, há heróis e vilões que derivam sua super-condição de uma natureza especial: alguns são alienígenas (Groot, Gamora, Drax, Mantis, Thanos, Ronan); outros chegam a ser deuses ou semideuses (Thor, Loki, Hela, Peter Quill, Ego, Dormammu). Há heróis e vilões que são humanos comuns com maiores ou menores habilidades naturais (Clinton Barton, Natascha Romanoff, Barão von Strucker, Zemo) e/ou que possuem algum traje especial (Homem de Ferro, Falcão, Homem-Formiga, Vespa, Abutre). A

---

<sup>2</sup> Atenho-me apenas às narrativas adaptadas para o cinema, vinculadas a este projeto cinematográfico específico. Deixo, portanto, de fora as versões narrativas desenvolvidas nos quadrinhos, bem como as adaptações cinematográficas autônomas que não se vinculam a esta grande produção.

grande maioria, no entanto, é formada por humanos comuns que se tornaram superiores graças a algum tipo de aprimoramento — quase sempre deliberado (Capitão América, Pantera Negra, Wanda e Pietro Maximoff, além de Soldado Invernal, Caveira Vermelha, Rocket Raccoon, Abominável), eventualmente acidental (Hulk, Homem-Aranha, Capitã Marvel).<sup>3</sup> E há por fim heróis e vilões que não são nem deuses ou semideuses, nem alienígenas e nem humanos: são seres cuja consciência ou foi implantada ou surgiu espontaneamente sobre uma base artificial (como Ultron, um projeto de defesa de Tony Stark combinado com um super programa de inteligência artificial existente no centro da Joia da Mente, que adquire consciência e constrói e reconstrói várias vezes os corpos andróides que habita, e Visão, cuja consciência foi criada pela Joia da Mente em um andróide sintético formado por *vibranium* e informado por Jarvis, o programa de inteligência artificial de Tony Stark).<sup>4</sup> As tramas ainda exploram o argumento de que tecnologias avançadas permitem congelamento criogênico com reanimação posterior (Capitão América, Soldado Invernal) e reprogramação mental (Soldado Invernal, Capitã Marvel), mostram personagens com expectativa de vida elevada (Thor, Ego), especulam sobre risco de extinção de vida inteligente (o projeto de Ultron em relação à Terra e em parte o de Thanos e o de Ego em relação ao Universo) e até jogam com a possibilidade de mergulhos no mundo quântico e viagens no tempo (*Vingadores: Ultimato*, 2019).

Seres, tecnologias e “argumentos” como estes parecem a uma primeira vista muito distantes de nosso atual estágio de desenvolvimento civilizacional... Ou pode não ser bem assim. Num artigo publicado no fim do século passado e republicado no início do século presente, Bostrom (2001) já discutia praticamente todas estas possibilidades, argumentando que elas estão mais próximas de nossa realidade do que se imagina.

---

<sup>3</sup> Os filmes individuais não mostram como o Hulk e o Homem-Aranha adquiriram seus superpoderes, mas fica implícito que teriam resultado de eventos acidentais: respectivamente, uma explosão de raios-gama e a picada de uma aranha radioativa.

<sup>4</sup> A Nebulosa é um caso à parte: é uma alienígena cujas partes do corpo natural foram sendo substituídas por partes mecânicas ao longo de sua história.

No presente trabalho, desejo explorar uma das hipóteses ficcionais presentes no Universo Cinematográfico da Marvel e que pode estar na iminência de se tornar realidade em vista do atual estado de arte do desenvolvimento tecnológico no mundo: o aprimoramento humano (*human enhancement*). Trata-se de uma das bandeiras de um movimento filosófico intelectual chamado de Transumanismo, que tem despertado acaloradas discussões sobre seus riscos, limites e possibilidades. A expectativa de muitos transumanistas é de que a intervenção tecnológica sobre a vida humana aumente o bem-estar não apenas por erradicar doenças e deficiências que impingem dor e sofrimento, limitações e incapacidades, mas inclusive por aumentar capacidades físicas, mentais, emocionais e mesmo morais (Vilaça-Dias, 2014).

Meu objetivo — seguindo a linha destas discussões — é questionar se o projeto transumanista, neste ponto, realmente tem condições de atender plenamente a estas expectativas. Minha intuição inicial é de que as diversas formas de aprimoramento humano que a biotecnociência poderá oferecer têm de fato boas chances de melhorar significativamente a qualidade de vida das pessoas, mas elas não terão condições de só por si determinar o que torna uma vida realmente valiosa, uma vida que valha à pena ser vivida. Passados mais de dois mil anos, parece que ainda há lições dos filósofos da Antiguidade clássica que merecem ser relembradas.

Deste modo, o trabalho se acha dividido em três seções. Na primeira seção, resgato o sentido do que seja uma vida boa no pensamento da Antiguidade clássica, adotando como fio condutor o conceito de “cuidado de si” — sobretudo na interpretação de Foucault (2011, 2012). Na segunda seção, apresento o que se constitui o transumanismo, com seus pressupostos e objetivos, especificamente quanto às promissoras técnicas de aprimoramento humano em prol do bem-estar e da felicidade das pessoas. Na terceira e última seção, discuto os limites do transumanismo em vista do pensamento filosófico da Antiguidade clássica que ainda pode ter lugar no contexto de uma civilização humana biotecnologicamente mais avançada, tomando como pano de fundo elementos (tecnologias ainda ficcionais, personagens e argumentos) do Universo Cinematográfico da Marvel.

## A vida boa na filosofia da antiguidade clássica

Ao explorar as concepções de vida boa na Antiguidade clássica, recorro ao conceito de “cuidado de si” (*epiméleia heautoû*), investigado a fundo por Foucault (2011). Trata-se de uma forma de vida, de uma atitude para consigo, para com os outros e para com o mundo — uma exigência perene de exercício da mente e de reflexão sobre os pensamentos que passam por ela, que dá lugar a um conjunto de ações de si para consigo, por meio das quais cada um se assume, se modifica, se purifica, se transforma e se transfigura.

Foucault (2011) toma como ponto de partida os conceitos de “filosofia” e de “espiritualidade”. A filosofia é forma de pensamento que se interroga, não sobre o que é verdadeiro e o que é falso, mas sobre o que torna possível ao homem acessar o verdadeiro, separando-o do que é falso. A espiritualidade é o conjunto de buscas, práticas e experiências (as purificações, as ascetes, as renúncias, etc.) que constituem o preço a pagar para que o homem possa ter acesso à verdade. Para ele, na Antiguidade clássica a questão da filosofia (como ter acesso à verdade) é indissociável da questão da espiritualidade (por que transformações é preciso passar para poder ter acesso à verdade). É no contexto da espiritualidade — desta preparação do homem para poder se tornar sujeito de verdade — que se inscreve o “cuidado de si”.

Algumas técnicas rudimentares de cuidado de si deitam raízes antigas no tempo.<sup>5</sup> Mas é através de Sócrates, conforme descrito por Platão, que ganha melhor expressão — embora vinculado ainda ao conceito de “conhecimento de si” e com uma funcionalidade própria: o exercício da cidadania. Foucault (2011) destaca o cuidado de si em duas obras de Platão: a *Apologia a Sócrates* e o *Primeiro Alcibíades*.

Na *Apologia de Sócrates*, o cuidado de si aparece em três momentos. Primeiro quando perguntam a Sócrates se ele não tem vergonha de estar sendo julgado por crimes infamantes, ao que ele responde estar orgulhoso e que nem pela ameaça de morte abriria mão de sua atuação — a qual, por determinação dos deuses, consistia

---

<sup>5</sup> Os pitagóricos adotavam técnicas de provação: submetiam-se a situações que tivessem a força de uma tentação e se esforçavam tentando superá-la (Foucault, 2011).

em questionar os atenienses se eles não se constrangiam de se ocupar apenas em adquirir riquezas, fama e honrarias, sem se importar com a razão, a verdade ou o melhoramento de suas almas (Platão, 1980a, 29d-e). Depois, quando Sócrates afirma que se o condenassem à morte, ele perderia menos que os atenienses, porque então não haveria mais quem os incitasse a se *ocuparem consigo mesmos*, a menos que os deuses colocassem outro no seu lugar (Platão, 1980a, 30d-31a). Por fim, quando se pergunta que pena merece por ter renunciado a uma vida tranquila e negligenciado o que a maioria dos homens estima (fortuna, magistraturas, postos militares, destaque na tribuna, participação em coalizões e facções, etc.), para dedicar-se a incitar os atenienses ao próprio aperfeiçoamento (Platão, 1980a, 36c). Ou seja, Sócrates, que andava em andrajos e descalço, renuncia aos bens materiais (cargos, fortuna, vantagens) para despertar nos atenienses a importância e a necessidade de *cuidarem de si*, assumindo uma posição de mestre ou diretor de consciência (diretor espiritual). Ele se compara a um inseto (“tavoão”) que pica os animais e os faz agitarem-se: o cuidado de si é como se fosse um agulhão, que funciona como um princípio de agitação, de movimento, de inquietação nos homens (Foucault, 2011).

No *Primeiro Alcibíades* o cuidado de si apresenta uma dimensão não só catártica como política.<sup>6</sup> Apesar de as referências ao cuidado de si serem mais difusas, de igual modo penso se possa isolar três importantes momentos. O primeiro é quando Sócrates coloca a Alcibíades um dilema — algo como: *morrer cedo e sábio ou levar uma vida longa e ignorante*. Sócrates assume que Alcibíades preferiria morrer se não pudesse acrescentar à sua vida mais sabedoria do que já tinha até então, e é só por que almeja dar um sentido mais elevado à sua vida, voltando-se para o povo e para o governo da cidade, que seu *daimon* o autoriza a dirigir-lhe a palavra depois de um longo tempo de afastamento (Platão, 1980b, 104a-105a). O segundo é quando pede a Alcibíades de seus planos em relação a si mesmo, se pretende *continuar como está, ou aplicar-se em alguma coisa*, ao que Alcibíades diz que este assunto é algo para ele e Sócrates deliberarem juntos ao

---

<sup>6</sup> Segundo Foucault (2011), a dimensão catártica do *Primeiro Alcibíades* é desenvolvida no *Fédon*, e a dimensão política, no *Górgias*.

mesmo tempo em que chama os homens públicos de Atenas de incompetentes, dizendo-se superior (Platão, 1980b, 119a-b). Sócrates observa que não é com os atenienses que Alcibíades se deve preocupar, mas com persas e espartanos, e o convida a refletir mais sobre se *não cuidaria mais de si se considerasse persas e espartanos inimigos temíveis*, em vez de os menosprezar; observa também que persas e espartanos são muito mais ricos e instruídos que os atenienses, bem como que a riqueza de Alcibíades é nada comparada à riqueza deles e que para um jovem aristocrata Alcibíades não teve lá tanta sorte em termos de educação (Platão, 1980b, 119c-122b).<sup>7</sup> O terceiro é quando indaga o que é o “si”, de que se deve cuidar e conhecer: *cuidar de si* não é cuidar de seus negócios, de sua vida, mas tornar-se melhor em sua essência, na sua alma — o que exige autoconhecimento (Platão, 1980b, 128a-130e). Em suma, Alcibíades passa a desejar uma vida de valor, predispondo-se ao aperfeiçoamento moral (o que atrai Sócrates), e isso corresponde ao cuidado e ao conhecimento de si. Este “si”, que se deve conhecer e de que se deve cuidar, é a própria alma. O amor verdadeiro (aquele que Sócrates nutre por Alcibíades) é o amor de uma alma para outra alma, mas com uma ressalva: “enquanto ela aspirar a aperfeiçoar-se” — de modo que é preciso esforço constante para tornar a alma cada vez mais virtuosa e excelente, cada vez mais sábia e boa (Platão, 1980b, 131d).

Mas a época de ouro do cuidado de si desponta nos séculos I e II da era cristã, com os neoplatônicos (cínicos, epicuristas e estoicos). Segundo Foucault (2011), é aqui que se desenvolve uma “tecnologia de si” (*tékhnē*), baseada numa “equipagem” (*paraskeuē*) espiritual que funciona como um conjunto de verdades (princípios fundamentais) e de prescrições (regras de conduta) que orientam como a pessoa deve se conduzir na vida para viver bem, superando as tribulações inevitáveis e se preparando para a morte. Esta tecnologia de si, posta em prática visando a preparar o “espírito” para acessar a verdade, abrange uma série de *exercícios*.<sup>8</sup> Foucault (2011)

---

<sup>7</sup> Mesmo sendo da aristocracia ateniense, Péricles, seu tutor, havia confiado a educação de Alcibíades a Zópiro da Trácia, um escravo velho e ignorante (Platão, 1980b, 122b).

<sup>8</sup> A própria etimologia das palavras gregas *epiméleia* e *epimeleísthai*, que integram as expressões “cuidado de si” (*epiméleia heautoû*) ou “cuidar de si” (*epimeleísthai heautoû*), é significativa a este respeito: ambas derivam de *meletân*, *meléte*, *melétai* e têm o sentido de “meditação”, mas não no sentido que hoje se atribui, e sim, no sentido de “treino”, de

refere o exame de consciência (no início e no fim do dia), a escuta, a escrita e a incorporação de discursos, a abstinência e a meditação de modo geral, especialmente sobre os males e a morte. Hadot (2014), de seu turno, alude a: atenção; meditação e lembrança do que é bom; leitura, audição, pesquisa e exame aprofundado (exercícios mais intelectuais); domínio de si, realização dos deveres e indiferença às coisas indiferentes (exercícios mais ativos). A meu modo, divido estes exercícios em três grupos, mas é certo que todos estão intimamente entrelaçados. Um primeiro grupo de exercícios está relacionado a um despertar do espírito e engloba a “atenção” (*prodochè*) e a “memória” (*mnemè*). É preciso primeiramente distinguir aquilo que depende de si, daquilo que não depende e essa distinção deve estar sempre em mente. Além disso, é preciso estar permanentemente atento ao instante — este “minúsculo momento presente”, que é chave dos exercícios espirituais na medida em que livra da paixão o passado e o futuro, que independem do homem (Hadot, 2014, p. 26) — e ter “sempre à mão” (*procheiron*) um princípio simples e fundamental que pode ser aplicável como um ato reflexo em determinadas situações. Um segundo grupo está relacionado à transformação que se deve operar na personalidade. Em parte através do enfrentamento de situações reais, em que se deve conquistar o “domínio de si” (*enkrateia*), abstendo-se de excessos de toda ordem. Em parte através dos exercícios de “meditação” (*meletè*), que permitem que se esteja pronto quando circunstâncias inesperadas e eventualmente dramáticas se apresentarem. Os exercícios de meditação abrangem o “exame de consciência” (*skepsis*) do dia e da noite (de manhã, é preciso refletir sobre o que se deve fazer, assim como à noite se deve rememorar o dia e prestar contas a si mesmo dos progressos realizados e dos erros cometidos, para tentar evita-los quando se apresentar uma nova ocasião), bem como a premeditação dos males (*premeditatio malorum*), através da representação mental das vicissitudes da vida (pobreza, doença, sofrimento), com a finalidade de mostrar que não se trata de males, posto se situem no âmbito do imponderável.<sup>9</sup> Dentre os exercícios de meditação, a preparação para a morte

---

“exercício”, de “ação meditada” (Foucault, 2011; Hadot, 2014). Cuidar de si, portanto, tem o sentido de exercitar-se — uma forma de atividade vigilante, contínua, aplicada, regrada.

<sup>9</sup> Os estoicos, especificamente, procuram impor ao espírito uma tensão e vigilância



ocupa lugar especial. A morte é tomada como processo natural que (pelo menos para os estoicos) não põe fim à existência. O exercício da morte não consiste numa negação à vida. Ao contrário, é um exercício para a vida: liga-se à contemplação da totalidade, à elevação do pensamento num nível cósmico, aproximando a subjetividade individual da universalidade objetiva, do pensamento puro — donde sua relação com a Física. É o que confere ao filósofo a grandeza de alma (Hadot, 2014). Por fim, um terceiro grupo de exercícios está relacionado aos trabalhos de autopreparação intelectual, que ilumina a meditação. A função da meditação é dominar o discurso interior, colocá-lo em ordem a partir das máximas e sentenças morais. Ela se exerce pelo diálogo consigo mesmo, mas se nutre da “escuta”, da “leitura” e da “escrita” (Hadot, 2014; Foucault, 2011).

Estes “exercícios espirituais” induzem uma “prática de si”, uma ascese (*askesis*) filosófica, que leva à formação de toda uma “cultura de si”.<sup>10</sup> Eles não atuam apenas no sentido de identificar e eliminar vícios, substituindo-os gradualmente por virtudes de tal modo que a ação correta (boa, virtuosa) tenha lugar como que por obra de um “reflexo automático” da razão (*logos*); atuam mais amplamente no sentido de tornar o homem livre e imperturbável, preparando-o para a felicidade (Foucault, 2011, 2012; Hadot, 2014). A liberdade é especialmente a situação daquele que não é dominado por seus apetites e desejos; mas implica também em relações complexas com os outros, numa maneira de cuidar dos outros nas suas relações interpessoais — relações familiares (cônjuge, filhos, escravos), relações com seus concidadãos (políticas), relações de amizade (Foucault, 2012). A ausência de perturbação (*ataraxia*) é o que torna possível a felicidade (*makariotes*, *makarios*), compreendida como “bem-aventurança”, como certeza da independência em relação aos males e como gozo futuro —, assegurada, entre

---

constantes, no que deles diferem os epicuristas, para quem a cura da alma não depende de exercitar-se em mantê-la tensa e alerta, mas descontraída. Em vez de conceber os males de antemão para se preparar (se equipar) para sofrê-los, é preciso rememorar os prazeres e se deleitar com estas lembranças, agradecendo profundamente a natureza e a vida, com leveza e serenidade (Hadot, 2014; Foucault, 2011).

<sup>10</sup> Foucault (2011, 2012) fala em ascese não como renúncia, mas como exercício de si sobre si mesmo, através do qual se busca elaborar-se, transformar-se e alcançar um certo modo de ser. No mesmo sentido Hadot (2014).

outros, pelas relações de afeto, especialmente de amizade (Foucault, 2011; Fernandes-Lima, 2019).<sup>11</sup>

### **Transumanismo: pressupostos e objetivos**

Passados mais de dois mil anos, desde quando a Filosofia praticamente teve o seu início com o platonismo-socrático, o aperfeiçoamento humano parece estar em vias de adquirir um novo *status*, um novo sentido. Não mais pelo cuidado de si, pela prática filosófica desenvolvida através de exercícios espirituais, mas por meios “menos ortodoxos”. Na vanguarda desta mudança se encontra o Transumanismo, um ambicioso movimento, fruto da Terceira Revolução Industrial, que divisa a clara possibilidade de melhoramento artificial nos mais diversos aspectos da vida humana (físico, intelectual, emocional, moral).

O transumanismo tem alguns pontos de partida.

Há, antes de mais, uma premissa fática comum a todas as vertentes transumanistas: o desenvolvimento “tecnológico” alcançado em várias áreas do conhecimento humano — especialmente na medicina, na biologia, na cibernética e na robótica. Segundo Ferry (2018), a ideia nuclear da “Revolução Transumanista” se traduz na sigla NBIC (Nanotecnologia, Biotecnologia, Informática e Cognitivismo).

Para a Sociedade Real e a Academia Real de Engenharia (*The Royal Society & The Royal Academy of Engineering*, 2004), a *Nanociência* “é o estudo dos fenômenos e da manipulação de materiais em escalas atômica, molecular e macromolecular, nas quais as propriedades diferem significativamente daquelas observadas em uma escala maior”, enquanto a *Nanotecnologia* compreende “o *design*, a caracterização, a produção e a aplicação de estruturas, dispositivos e sistemas, através do controle

---

<sup>11</sup> Segundo Fernandes-Lima (2019), a felicidade enquanto *makaríotes* ou *makários*, presente em Platão (2014, 621c-d) e nos neoplatônicos, é uma felicidade concedida pelos deuses aos mortos, moradores das *Ilhas dos Bem-aventurados*, não sendo portanto para este momento e para este mundo — no que se aproxima de certo modo da mensagem anunciada por Jesus e seus discípulos. Não tem o mesmo sentido da felicidade enquanto *eudaimonia*, presente em Aristóteles (2001, 1101a), passível de ser alcançada aqui e agora, desde que o homem atue conforme a excelência perfeita e seja suficientemente aquinhoado com bens exteriores, não por um período transitório, mas por toda a vida.

de forma e tamanho em escala nanométrica.”<sup>12</sup> Este tipo de tecnologia permitirá modelar a matéria segundo arquiteturas precisas e construir nanomáquinas e nanorrobôs com propriedades inéditas. Aplicados à medicina (“nanomedicina”), a nanotecnologia permitirá por exemplo a identificação e reparação imediata de disfunções somáticas em nível celular e o desenvolvimento de próteses em miniatura e outros mecanismos e artefatos nanométricos ligados aos órgãos do corpo (Ferry, 2018).

A *Biotecnologia* deve abrir caminho para terapias genéticas radicais a partir do sequenciamento do genoma humano e do desenvolvimento da ferramenta chamada *Crispr-Cas9*, que permitirá a edição do código genético das pessoas, recortando e colando sequências genômicas tal como se desloca uma frase num programa de edição de texto (Ferry, 2018).<sup>13</sup> A partir daí, disfunções e anomalias genéticas serão identificadas com a mesma facilidade com que é feito hoje um exame de sangue, tornando possível a biocirurgia reparadora (terapêutica) e mesmo o aumento do desempenho humano (velocidade, atenção, memória, etc.).

A *Informática* abrange especialmente os grandes dados (*big data*) e a internet das coisas (*IoT*). Um volume gigantesco de dados, brutos ou já previamente estruturados, públicos ou privados, circulam permanentemente em todas as redes do mundo — não só através de trocas de e-mails, mensagens, postagens em redes sociais e navegações na rede de internet, mas pela própria conexão de coisas (celulares, computadores, veículos, satélites, etc.). Este volume cresce

---

<sup>12</sup> Segundo Ferry (2018), no conceito de “nanociência” (no qual se insere a nanotecnologia), há três elementos importantes, que ele esclarece. Primeiro, uma ordem de grandeza especial, o “nanômetro”, que representa um bilionésimo de metro (espessura 50 mil vezes menor que um fio de cabelo), que está para o metro assim como uma avelã está para o planeta Terra. Segundo, a existência de propriedades especiais e surpreendentes nesta escala: por exemplo, quanto menores os objetos, maiores suas superfícies, com aumento do vínculo potencial com outros objetos (a superfície das pedras de um jogo de dominó, somadas, é muito maior que a superfície da caixa que as acomoda, o que dá uma ideia do nível de absorção de substâncias pelos “nano objetos”). Terceiro, a necessidade de instrumentos específicos para observar e manipular objetos nesta escala — como o “microscópio de túnel”, que permite captar imagens de átomos individuais para tocá-los um por vez.

<sup>13</sup> O nome “Crispr-Cas9” é uma abreviação de *Clustered Regularly Interspaced Short Palindromic Repeats* (Repetições Palindrômicas Curtas Agrupadas e Regularmente Interespçadas), acrescida da referência a uma endonuclease bacteriana associada à proteína 9 (Ferry, 2018).

exponencialmente e hoje é contabilizado em *zettabytes* (10 à potência de 21 bytes) e exige uma tecnologia especial de armazenamento e processamento (Ferry, 2018). A imensa maioria das biocirurgias (reparadoras ou ampliativas) será realizada por máquinas ou em câmaras cirúrgicas (com amplo acervo de dados armazenados e interpretados sistematicamente), e não por mãos humanas.

Por fim, o *Cognitivismo* se relaciona à inteligência artificial (IA). Atualmente, existe apenas a “IA fraca”, que se limita a resolver problemas gerenciando um volume gigante de dados e informações.<sup>14</sup> Mas há quem defenda a possibilidade de criação de uma “IA forte” (Kurzweil, 2018), dotada de consciência de si e emoções, que a princípio apenas os grandes primatas (destacadamente o homem) e alguns animais com inteligência superior como os golfinhos possuem (Ferry, 2018).<sup>15</sup> Ao menos uma parte dos cognitivistas está convencida de que será possível criar uma IA forte, baseando-se em que o próprio cérebro é uma máquina como outra qualquer passível de ser reproduzida artificialmente (eventualmente mediante hibridação com o homem), o que a maioria dos biólogos contesta (Ferry, 2018; Kurzweil, 2018).

Diante de todas estas inovações, parece certo — como, aliás, proclama a Declaração Transumanista (*Humanity Plus*, 1998, n.p.), um documento assinado por inúmeros cientistas e pesquisadores — que “a humanidade deve ser profundamente afetada pela ciência e tecnologia no futuro”.

Também na raiz do movimento se encontra o importante pressuposto de que a natureza humana não é essencialmente constante e estável, devendo-lhe ser recusada qualquer qualidade sagrada ou transcendente: não existe nenhum “princípio da indisponibilidade da natureza humana” que proíba os próprios homens de tentar modifica-la (Vilaça-Dias, 2014). Em vista das limitações do

---

<sup>14</sup> Mesmo assim, a “IA fraca” tem um potencial enorme. Em 1997, *Deep Blue*, um supercomputador (com *software* específico) da IBM, criado especialmente para jogar xadrez, derrotou o campeão mundial, Garry Kasparov. Em 2011, *Watson*, outro supercomputador da IBM (que usava o *software* Hadoop para tratamento de *big data*) venceu um jogo televisivo muito popular nos Estados Unidos chamado Jeopardy (Ferry, 2018).

<sup>15</sup> O alcance desta tecnologia seria comprovado através do “Teste de Turing”, em que uma pessoa conversa com uma máquina sem saber dizer se ela é uma outra pessoa ou é uma máquina (*Ex Machina*, 2015).

homem e da possibilidade de modificação da natureza humana graças à tecnologia proporcionada pelo progresso científico é que se inscreve o projeto transumanista de aprimoramento humano (*human enhancement*).

A partir daqui parecem surgir dissonâncias interessantes no movimento transumanista. A Declaração Transumanista (*Humanity Plus*, 1998, n.p.) afirma sua crença em que “o potencial da humanidade continua em grande parte ainda não alcançado” e que “existem cenários possíveis que levam a condições de aprimoramento humano maravilhosas e extremamente valiosas.” Já os “Princípios Extropianos 3.0” (More, 1998, n.p.) — outro documento importante para compreensão do pensamento transumanista —, declaram a humanidade atual como um ponto de Arquimedes entre homens pré-históricos e uma nova espécie de homem: “Consideramos os humanos como um estágio transitório entre nossa herança animal e nosso futuro pós-humano.” Dada a pluralidade de novas tecnologias a serviço humanidade (as NBIC e outras invenções já existentes e em fase de pesquisa e desenvolvimento), descortinam-se diferentes meios de aprimoramento humano pelos transumanistas, que apontam para os seguintes objetivos possíveis (*Humanity Plus*, 1998; More, 1998; Bostrom, 2001; Kurzweil, 2018; Ferry, 2018):

(i) Não apenas a redução ou eliminação de emoções negativas, sem efeitos colaterais, mas a própria modificação da personalidade, com a superação de limitações (timidez, ciúme, etc.) e aumento de faculdades (criatividade, empatia, profundidade emocional) — através de drogas e métodos de terapia genética que atuam com alta especificidade em um determinado neurotransmissor ou subtipo de receptor;

(ii) Aumento das expectativas de vida — através de drogas, de “clonagem terapêutica” que proporcione a criação de tecidos e órgãos a partir de versões das próprias células da pessoa com a finalidade de reparação e rejuvenescimento celular, ou de “terapia somática de genes” que bloqueie genes indesejáveis que favoreçam doenças ou que introduza novos genes que desacelerem ou mesmo revertam os processos de envelhecimento; ou através da nanotecnologia molecular, com a fabricação de máquinas com precisão de escala atômica, incluindo “montadores” de uso geral, dispositivos que podem posicionar átomos

individualmente a fim de construir quase qualquer configuração de matéria quimicamente permitida para a qual seja possível dar uma especificação detalhada;

(iii) Vida eterna em novas bases físicas, através do escaneamento da consciência humana e de sua transferência para um espaço de realidade virtual (ciberespaço) ou para um meio digital que possa ser implantado em outro organismo, eventualmente um clone de si mesmo — através da nanotecnologia, de inteligência artificial, da robótica, eventualmente da biologia.<sup>16</sup>

Como se vê, há possibilidade de modificação da natureza humana recorrendo-se a intervenções tanto no nível biológico (*transumanismo biológico*) como através de aplicações que levem a algum nível de hibridização entre homem e máquina (*transumanismo cibernético*); e há possibilidade de modificação da natureza humana tanto no sentido de aprofundá-la de modo a tornar melhor o homem (*transumanismo neohumanista*), como no sentido de fazer surgir um homem novo (*transumanismo pós-humanista*) — ainda que esta divisão não seja absoluta e num mesmo movimento se divise a possibilidade de transitar de uma abordagem para outra (Ferry, 2018).

Isso para ficar apenas nas vertentes transumanistas que se situam na linha de continuidade do humanismo da Ilustração. Creio que é isso o que Hottois (2015, p. 190) quer dizer com “trans/pós-humanismo moderado bem compreendido”. Mas não fica a princípio descartado inclusive um “pós-humanismo pós-moderno”, que divisa a possibilidade de romper com a humanidade hoje existente, através da dissolução de qualquer base física “natural” que dê suporte à consciência humana, como parece ser o caso da vertente da “Singularidade”. A palavra foi tomada de empréstimo da Matemática pela Física para referir um evento com proporções inimagináveis (“infinitas”) a partir de um ponto de tamanho zero. Esta vertente do transumanismo considera a Singularidade como o ponto de fusão (previsto para o ano de 2045) entre o pensamento e a existência humana, de um lado, com a tecnologia, de outro, resultando daí um ambiente que ainda é humano, mas

---

<sup>16</sup> Dado o risco de superpopulação do planeta se estes objetivos se confirmarem ainda que parcialmente, fala-se ainda em *congelamento criogênico* para reanimação posterior (provavelmente através de câmaras de criogenia, com o auxílio de substâncias químicas) e na *colonização do espaço* (já possível, mas ainda muito onerosa: Elon Musk tem se empenhado nessa empreitada e tem projetos para colonizar Marte a partir 2025).

transcende a qualquer suporte biológico. Depois disso (pós-Singularidade), não haverá diferença entre homem e máquina, entre realidade física e virtual (Kurzweil, 2018).

Na Antiguidade Clássica, o valor da vida estava diretamente relacionado ao uso da razão, para o que eram necessárias as técnicas de cuidado de si, especialmente através de exercícios espirituais. O exercício da razão proporcionava dominar a si mesmo, alcançando a liberdade e a tranquilidade que tornariam a felicidade possível. A felicidade (*makários, makaríotes*) era vista como um prêmio futuro a ser colhido não nesta vida, mas mais Além.<sup>17</sup>

Os transumanistas pretendem realizar a felicidade agora, por meio de atalhos. É o que diz Bostrom (2001, n.p.) ao falar da possibilidade de transformação da personalidade por meios artificiais (drogas e terapia genética): “Pense em toda a pregação, jejum e autodisciplina a que as pessoas se sujeitaram ao longo dos tempos na tentativa de enobrecer seu caráter. Em breve, poderá ser possível atingir os mesmos objetivos de forma muito mais completa engolindo um comprimido de coquetel diário.”

### **O que o transumanismo deixa para trás e o que ainda podemos aprender sobre o valor de uma vida a partir do Universo Cinematográfico da Marvel (UCM)?**

Não parece razoável negar os benefícios do desenvolvimento biotecnológico. Não obstante, assumindo que num futuro mais ou menos breve a ciência tenha condições de concretizar o projeto de aprimoramento transumanista — melhorando o funcionamento da razão (atenção, memória, capacidade e velocidade de raciocínio) e moderando emoções (criando estímulos que reduzam a timidez mediante promoção da autoconfiança, acalmando o humor, estimulando a libido, etc.) —, a questão que se põe é se só isso será suficiente para que alguém se possa dizer, da vida que teve, que ela foi realmente valiosa. Dito de outro modo, mesmo realmente melhorando a condição humana, aumentando faculdades

---

<sup>17</sup> Mesmo em Aristóteles (2001, 1101a), para quem a felicidade (*eudaimonia*) pode ser acessada agora, não se pode prescindir de uma *atividade* dirigida a conquistá-la, através de um trabalho intenso e perene de aperfeiçoamento que exige a incorporação de hábitos saudáveis e muita reflexão.

psicossomáticas e reduzindo ou eliminando emoções negativas, é controverso que a felicidade venha junto no pacote: pode ser que a biotecnociência deixe algo para traz.

Se a vida não imita a arte, para fins meramente especulativos é possível tomar como referência alguns momentos da história dos personagens do Universo Cinematográfico da Marvel para ilustrar que — ao menos na ficção — capacidades mais aumentadas (“poderes”) não trazem necessariamente a felicidade consigo (embora talvez possam facilitá-la).

Assim, se *capacidades (físicas e mentais) aumentadas e felicidade* não andam necessariamente juntas, penso que é possível destacar momentos das narrativas em que os personagens não se tornaram mais felizes apesar de serem biotecnologicamente aprimorados, bem como passagens em que os personagens alcançaram algum tipo de ventura mesmo sem nenhum tipo de “poderes especiais” (vantagens biotecnológicas) em seu favor e às vezes estando diante de situações bastantes adversas.

Ao longo das narrativas, houve personagens que perderam algo em termos de felicidade mesmo tendo sido aprimorados tecnologicamente. Há dois exemplos que gostaria de destacar neste sentido.

O primeiro envolve a personagem Nebulosa, filha adotiva do vilão Thânos. Como se vê em *Guardiões da Galáxia Vol. 2* (2017), desde criança, seu pai fazia com que ela e a irmã (Gamora) lutassem. Ela era sempre derrotada, e a cada derrota, Thânos determinava a substituição de uma parte natural de seu corpo por uma parte robótica, visando a aprimorá-la. Todavia, nem por isso Nebulosa se torna mais amada ou mais capaz de amar. Ao contrário, torna-se cada vez mais amarga e vingativa e acusa Gamora de ter sempre se preocupado apenas em vencer as lutas, enquanto ela estava preocupada em ter uma irmã. Esta passagem envolvendo o drama da vida de Nebulosa mostra que *o aprimoramento artificial não implica só por si numa vida boa, repleta de fraternidade, de êxito e de satisfação*. Tais instâncias são dissociadas uma da outra.

O segundo envolve um dos principais super-heróis da saga. Steve Rogers, um jovem franzino e doente que procura de todos os modos servir a seu país na Segunda Grande Guerra, consegue alistar-se e recebe a infusão de uma substância



química (o “soro do super soldado”), como se vê em *Capitão América* (2011). Duas observações parecem dignas de nota. Uma é que o soro não “transforma” Rogers num super-herói: o aumento artificial proporcionado pela infusão funciona como uma condição necessária para isso, evidentemente, mas não como uma condição suficiente. O soro apenas potencializa características que a pessoa já possui e é exatamente pelo fato de Rogers demonstrar excelência de caráter que o doutor Abraham Erskine o escolhe para receber a infusão. A outra é que com o soro Rogers não “vira” imediatamente o Capitão América, como que por um passe de mágica. Ele “se transfigura” no Capitão América por suas ações, já um bom tempo depois de ter recebido a infusão, mesmo sendo desacreditado e desdenhado. O Capitão América revela a excelência de caráter em todos os demais filmes em que aparece (*Os Vingadores*, 2012; *Capital América e o Soldado Invernal*, 2014; *Capitão América: Guerra Civil*, 2016; *Vingadores: Guerra Infinita*, 2018) e ganha consagração no final quando se mostra digno de empunhar o Mjölnir e também o Rompe Tormentas (*Vingadores: Ultimado*, 2019). A biografia de Rogers ilustra que *o aprimoramento artificial pode até favorecer, mas não garante definitivamente o aprimoramento ético e moral.*

Por outro lado, houve personagens que ao longo das narrativas ganharam algo em termos de felicidade mesmo possuindo limitações naturais e tendo a morte como uma possibilidade real. Também neste sentido há dois exemplos que gostaria de destacar.

O primeiro envolve Loki, um personagem muito curioso na medida em que é um deus, mas ao mesmo tempo revela, na sua imperfeição, uma condição bastante “humana”: ele às vezes é mal (*Thor*, 2011; *Os Vingadores*, 2012) e às vezes luta ombro a ombro ao lado dos super-heróis (*Thor: O Mundo Sombrio*, 2013; *Thor: Ragnarok*, 2017), fugindo do lugar comum dos personagens maniqueístas. Recentemente, Loki ganhou uma série disponibilizada na plataforma de *streaming* da Disney e é do primeiro episódio (*Glorioso Propósito*, 2021) uma passagem interessante. Loki havia usado o Tesseract para escapar da prisão dos Vingadores (*Vingadores: Ultimato*, 2019). A série mostra que na fuga, ele inadvertidamente acaba criando uma ramificação na linha do tempo: é então aprisionado pela Autoridade de Variância Temporal (AVT) e submetido a um interrogatório, que

funciona como um “jogo da verdade” (uma espécie de “exame de consciência” provocado) que o indaga sobre quem ele realmente é e sobre seus propósitos. Apesar de ser um deus, Loki se encontra em um local fora do espaço-tempo, onde nenhum poder ou magia funciona (o que permite tomar seu caso como exemplo). Mobius, que o interroga, afirma que ele é um vilão, uma personificação do mal que serve para que outras pessoas possam atingir as melhores versões de si mesmas. Através de uma tecnologia que lhe permite assistir os acontecimentos da “linha do tempo oficial”, Mobius revela que, ao agir de forma egoísta, Loki causa a morte de sua mãe — uma das poucas pessoas que o ama e o compreende. Pouco depois, reservadamente, o próprio Loki tem oportunidade de verificar o seu destino na “linha do tempo oficial”: a morte pelas mãos de Thânos. É naquele momento espaço-temporal, em que se encontra sozinho, sem seus poderes, em que é confrontado com a morte e experimenta a possibilidade da perda (sua mãe ainda não morreu até aquele instante), que Loki se “converte” (converge para si mesmo) e se transmuda, tendo a oportunidade de dar à sua vida dali em diante um propósito (mais tarde ele se permitirá inclusive amar). O que acontece com Loki ilustra a importância do autoconhecimento e da conversão para si mesmo, bem como da meditação sobre a morte e sobre a perda, para o direcionamento da vida. A tecnologia da AVT que lhe possibilita perscrutar o futuro — visualizando a morte da mãe (pela qual ele foi responsável) e a morte dele próprio —, faz as vezes de um exercício espiritual que provoca no seu íntimo uma transformação profunda, funcionando como um choque de realidade. E esta transformação, que lhe oferece a possibilidade de uma vida melhor, não está de modo algum relacionada a sua pré-condição de deus.

O segundo envolve novamente os Guardiões da Galáxia, na sua primeira formação: Peter Quill, Gamora, Drax, Rocky e Groot. Exceto pelo fato de que todos, menos Quill, são alienígenas, nem um deles tem “superpoderes”: todos têm suas limitações.<sup>18</sup> Em *Guardiões da Galáxia* (2014), todos eles se tornam reféns de Yondu

---

<sup>18</sup> Rocky é um guaxinim falante, produto de experiências genéticas, cuja inteligência oscila: ao mesmo tempo em que elabora planos complexos (fuga, ataque, defesa) e é capaz de construir armas sofisticadas, às vezes não entende questões elementares. Groot é uma forma de vida desconhecida (uma árvore) cujo *logos* (linguagem) se limita a três palavras: “Eu”, “sou”, e “Groot”, necessariamente nesta ordem. E Drax não entende metáforas.

Udonta e, numa barganha, assumem o encargo de apresentar um plano para recuperar do vilão (Ronan, o Acusador) o orbe contendo uma das Joias do Infinito (a Joia do Poder) — ao mesmo tempo em que devem salvar o planeta Xandar, que Ronan deseja destruir com a joia. A morte entre eles é tida como certa: Ronan é mais forte e incorporou a Joia do Poder ao seu martelo. Há um diálogo interessante neste momento — o típico discurso de incentivo que os líderes fazem em momentos cruciais. Quill destaca que todos são “perdedores”, não no sentido de derrotados, mas no sentido de que todos já perderam bens preciosos com que se importavam (família, lar, vidas normais): *“Em geral, a vida tira mais do que dá. Mas hoje não. Hoje, ela nos deu algo. Ela nos deu uma chance. De fazer o quê? De nos importarmos. [...] E não fugirmos.”* Rocky afirma que deter o Ronan é impossível e que em última análise o que Quill pede é que todos eles morram — o que Quill não pode negar. Gamora então apoia Quill dizendo que *passou a maior parte da vida cercada de inimigos e que se sentia grata por morrer entre amigos* — seguida por Drax, que folga em *poder lutar e morrer para encontrar afinal sua mulher e sua filha*, e por Groot, que repete a frase formalmente única (“Eu sou Groot!”) e substancialmente variável, também endossando apoio a Quill. Curiosamente, no final desta luta, tem-se a única vez que Groot pronuncia uma frase diferente (“Nós somos Groot!”), ao salvar os amigos quando a nave em que estão está caindo. Esta passagem é por muitas razões interessante, porque revela dimensões que muito dificilmente o aprimoramento biotecnológico só por si poderá alcançar ou facilitar: primeiro, *a importância dos afetos (das amizades)*; depois, *a ventura de se morrer bem (e para morrer bem é preciso ter vivido bem)*!

Em resumo, o que estas passagens ficcionais parecem querer dizer é que o aprimoramento artificial pode até favorecer, mas não garante uma vida boa, repleta de fraternidade, êxito e satisfação. Além disso, convidam a refletir sobre a importância do autonehecimento e da conversão para si mesmo, da meditação sobre a gravidade da vida para o direcionamento de seu destino, bem como sobre a importância dos afetos para que se tenha uma vida boa, a fim de que se possa, por congruência, morrer bem!

Ao preocupar-se apenas com as condições “materiais” de uma vida boa, parece que o transumanismo deixa mesmo escapar algo “imaterial” (espiritual). O

fato de aumentar a capacidade de raciocínio não determina o que se vai raciocinar e com que finalidade ou propósito. Como observa Ferry (2018, p. 173), o cérebro é uma máquina, mas o pensamento existe fora dele. É preciso ter um cérebro bem desenvolvido como o de Newton para descobrir a lei da gravidade, mas “essa lei não está na nossa mente, é descoberta por nós, não inventada nem produzida.”<sup>19</sup> O mesmo vale sobre a possibilidade de domesticação (repressão ou estímulo) de sensações e apetites com comprimidos. São os direcionamentos interiores que determinam o sentido da vida.

Há um argumento do filme *Vingadores: Guerra Infinita* (2019) que permite uma analogia. Depois que Thânos dizima metade do Universo vivo com um estalar de dedos, para *restaurar o presente e assegurar um futuro* (não apenas aos que viraram pó, mas aos que não viraram e pareciam não ter superado a dor da perda), os Vingadores *voltam ao passado*, mas fazem isso penetrando no reino quântico, isto é, indo “*por dentro*” da matéria.

Diante dos riscos e perspectivas que o projeto transumanista oferece, e traduzindo o argumento do filme para a realidade, para resguardar nosso presente (aquilo que de nós depende) e garantir a felicidade futura, talvez uma alternativa seja penetrar no reino do nosso próprio ser e, mediante uma autoanálise, promover uma reforma ou reconstrução interior — aplicando uma transformação pessoal que melhore nossa relação conosco e com os outros. Alguns exercícios dos antigos podem auxiliar nesta empreitada.

### **Considerações finais**

No presente trabalho, ocupei-me do aprimoramento humano (*human enhancement*), uma hipótese ficcional presente no Universo Cinematográfico da Marvel que pode estar na iminência de se tornar realidade pelo Transumanismo —

---

<sup>19</sup> “De resto, eu gostaria, por exemplo, que alguém me explicasse, de um ponto de vista estritamente monista e materialista, que diferença pode existir entre um cérebro humano de direita e um cérebro humano de esquerda, até entre o cérebro que erra uma adição e o mesmo logo depois, que acerta e corrige seu erro. Não sou ‘biologicamente’ o mesmo quando cometo um erro e quando corrijo? Parece-me que é em outro lugar, na vida psíquica dos seres vivos, que reside a diferença em relação às máquinas, e é, por definição, o que a abordagem behaviorista, que se limita aos sinais externos, não consegue enxergar.” (Ferry, 2018, p. 173).

um movimento filosófico intelectual que espera ter condições de modificar a vida humana por meios biotecnológicos de modo a não só aumentar o bem-estar e erradicar doenças e deficiências que impingem dor e sofrimento, limitações e incapacidades, como inclusive aumentar capacidades físicas, mentais, emocionais e mesmo morais.

Em vista das discussões sobre os riscos, limites e possibilidades deste movimento, questionei se ele tem mesmo condições de atender plenamente a estas expectativas, recorrendo a algumas lições da Filosofia Antiga.

Na Antiguidade Clássica, o valor da vida (a boa vida) estava diretamente relacionado ao uso da razão, para o que eram necessárias as técnicas de cuidado de si, especialmente através de exercícios espirituais. Pelo exercício da razão se podia dominar a si mesmo, alcançando a liberdade e a tranquilidade que tornariam a felicidade possível. A felicidade (*makariotes*) era vista como um prêmio futuro a ser colhido não nesta vida, mas mais *Além*.

Através de uma série de desenvolvimentos tecnológicos já alcançados e com promessa de se desenvolverem exponencialmente, os transumanistas pretendem realizar a felicidade agora, porém, de forma artificial, criando atalhos. Como se oferecessem um *Walkabout* (uma peregrinação a Santiago de Compostela, por exemplo) de helicóptero, e não a pé. Parece haver algo relacionado a “propósito”, neste tipo de empreitada, que tende a se perder.

Os exemplos extraídos das narrativas do Universo Cinematográfico da Marvel, por um lado, permitem argumentar que *o aprimoramento artificial não implica necessariamente numa vida boa, repleta de fraternidade, de êxito e de satisfação* (drama da vida de Nebulosa) e que *o aprimoramento artificial pode até favorecer, mas não garante definitivamente o aprimoramento ético e moral* (biografia de Steve Rogers); por outro, convidam a refletir sobre *a importância do autoconhecimento e da conversão para si mesmo, bem como da meditação sobre a gravidade da vida para o direcionamento de seu destino* (catarse de Loki), e ainda sobre *a importância dos afetos, das amizades e de viver bem a fim de que se possa por congruência morrer bem* (aceitação da, e preparação para, a morte por parte dos Guardiões).

Diante dos riscos e das perspectivas que o projeto transumanista oferece, é preciso focar no momento presente (esfera do ponderável) e voltar a atenção para si mesmo, se autodescobrindo e se autoconhecendo, para então promover uma reforma ou reconstrução interior, de dentro para fora.

## Referências

ARISTÓTELES (2001). *Ética a Nicômacos*. Tradução do grego, introdução e notas de Mario da Gama Kury. 4. ed. Brasília/DF: Editora Universidade de Brasília.

BOSTROM, N. (2001). *What is transhumanism?* Disponível em: <https://www.nickbostrom.com/old/transhumanism.html>. Acesso em: 23 jun.

BOSTROM, N. Em defesa da dignidade pós-humana. Tradução de Brunello Stancioli, Daniel Mendes Ribeiro, Anna Rettore e Nara Pereira Carvalho. In: *Bioethics*, v. 19, n. 3, p. 202-214, 2005. Disponível em: <https://www.nickbostrom.com/translations/Dignidade.pdf>. Acesso em: 23 jun.

FERNANDES, R. F.; Lima, F. L. de (2019). Makarios: um estudo de etimologia e significado cultural. *To Ελληνικό Βλέμμα – Revista de Estudos Helênicos da UERJ*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 68-85.

FERRY, L. *A Revolução Transumanista*. Tradução de Eric R. R. Heneault. Barueri: Manole, 2018.

FOUCAULT, M. (2011). *A Hermenêutica do Sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. Edição de Frédéric Gros, sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução de Márcio Alves Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2011

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: *Ditos & Escritos V: Ética, Sexualidade, Política*. Organização, seleção de textos e revisão técnica de Manoel Barros da Motta; tradução de Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

HADOT, P. (2014). *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*. Tradução de Flávio Fontenelle Loque e Loraine de Oliveira. São Paulo: É Realizações.

HOTTOIS, G. (2015). Rostros del trans/posthumanismo a la luz de la pregunta por el humanismo. Traducción del francés al español de Gustavo Chirlolla. *Revista Colombiana de Bioética*, Bogotá, Colômbia, v. 10, n. 2, p. 175-192, julio-diciembre.

HUMANITY PLUS . *Declaração Transhumanista (1998)*. Traduzido por Jhordan Van Der Haegen. Disponível em: <https://universoracionalista.org/declaracao-transhumanista/amp/>. Acesso em: 28 jun.2021.

HUMANITY PLUS. *Transhumanist Declaration (1998)*. Disponível em: <https://www.humanityplus.org/the-transhumanist-declaration>. Acesso em: 28 jun.2021.

KURZWEIL, R. *A Singularidade está Próxima*: quando os humanos transcendem a biologia. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Itáú Cultural / Iluminuras, 2018.

MORE, M. (1998). *Los Principios Extropianos 3.0*: una declaración transhumanista. Tradução de Ángel Fernández Bueno. Disponível em: <https://eljoboilustrado.net/2021/03/17/los-principios-extropianos-3-o-una-declaracion-transhumanista/>. Disponível também em: <https://www.maxmore.com/writing/>. Acesso em: 19 jul.2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Constituição da Organização Mundial de Saúde*, 1946. Disponível em: [https://www.who.int/governance/eb/who\\_constitution\\_en.pdf](https://www.who.int/governance/eb/who_constitution_en.pdf). Acesso em: 1º jul.2021.

PLATÃO. Apologia a Sócrates. In: *Diálogos, v. I e II*: Apologia a Sócrates, Critão, Menão, Hípias Maior e outros. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém/PA: EDUFPA, pp. 43-73, 1980 (a).

PLATÃO. Primeiro Alcibíades. In: *Diálogos, v. I e II*: Apologia a Sócrates, Critão, Menão, Hípias Maior e outros. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém/PA: EDUFPA, pp. 198-249, 1980 (b).

PLATÃO. *A República*. Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado; revisão técnica e introdução de Roberto Bolzani Filho. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

The Royal Society & The Royal Academy of Engineering. *Nanoscience and nanotechnologies*: opportunities and uncertainties. London, July, 2004. Disponível em: [https://royalsociety.org/~media/royal\\_society\\_content/policy/publications/2004/9693.pdf](https://royalsociety.org/~media/royal_society_content/policy/publications/2004/9693.pdf). Acesso em: 25 jul.2021.

VILAÇA, M. M; DIAS, M. C. M. (2014). Transumanismo e o futuro (pós-)humano. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 341-362. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312014000200002>. Acesso em: 26 jun.2021.

### Referencial filmográfico

*Capitã Marvel* (2019). Título original: *Captain Marvel*. Direção de Anna Boden e Ryan Fleck. Estados Unidos: Marvel Studios, cor, 124min.

*Capitão América: O Primeiro Vingador* (2011). Título original: *Captain America: The First Avenger*. Direção de Joe Johnston. Estados Unidos: Marvel Studios, cor, 124min.

*Capitão América 2: O Soldado Invernal* (2014). Título original: *Captain America: The Winter Soldier*. Direção de Anthony Russo e Joe Russo. Estados Unidos: Marvel Studios, cor, 136min.

*Capitão América: Guerra Civil* (2016). Título original: *Captain America: Civil War*. Direção de Anthony Russo e Joe Russo. Estados Unidos: Marvel Studios, cor, 147min.

*Ex Machina* (2015). Direção de Alex Garland. Reino Unido / Estados Unidos: Universal Pictures, cor, 108min.

*Glorioso Propósito* (2021). Título original: *Glorious Purpose. Loki*. Temporada 1, episódio 1. Direção de Kevin Hooks. Estados Unidos: Marvel Studios, cor, 52min.

*Guardiões da Galáxia* (2014). Título original: *Guardians of the Galaxy*. Direção de James Gunn. Estados Unidos: Marvel Studios, cor, 122min.

*Guardiões da Galáxia Vol. 2* (2017). Título original: *Guardians of the Galaxy Vol. 2*. Direção de James Gunn. Estados Unidos: Marvel Studios, cor, 137min.

*Homem-Aranha: Longe de Casa* (2019). Título original: *Spider-Man: Far From Home*. Direção de Jon Watts. Estados Unidos: Columbia Pictures, Marvel Studios e Parker/Peters Enterprises, cor, 129min.

*Homem de Ferro* (2008). Título original: *Iron Man*. Direção de Jon Favreau. Estados Unidos: Marvel Studios e Fairview Entertainment, cor, 126min.

*Thor* (2011). Título original: *Thor*. Direção de Kenneth Branagh. Estados Unidos: Marvel Studios, cor, 114min.

*Thor: O Mundo Sombrio* (2013). Título original: *Thor: The Dark World*. Direção de Alan Taylor. Estados Unidos: Marvel Studios, cor, 112min.

*Thor: Ragnarok* (2017). Título original: *Thor: Ragnarok*. Direção de Taika Waititi. Estados Unidos: Marvel Studios, cor, 130min.

*Vingadores: Era de Ultron* (2015). Título original: *Avengers: Age of Ultron*. Direção de Joss Whedon. Estados Unidos: Marvel Studios, cor, 141min.

*Vingadores: Guerra Infinita* (2018). Título original: *Avengers: Infinity War*. Direção de Anthony Russo e Joe Russo. Estados Unidos: Marvel Studios, cor, 149min.

*Vingadores: Ultimato* (2019). Título original: *Avengers: Endgame*. Direção de Anthony Russo e Joe Russo. Estados Unidos: Marvel Studios, cor, 181min.